



Mídia-Educação: Fonte Construtora De Cidadania¹

Marcela Toledo²
Tayenne Marrie de Carvalho³
Luzia Yamashita Deliberador⁴
Anderson A. da Rocha⁵
Faculdade Maringá

RESUMO

Trabalho realizado na disciplina de Comunicação Comunitária. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de aproximadamente dez crianças, participantes de um projeto de Dança de Rua da Escola Municipal Paulo VI, de Campo Mourão. O intuito dessa pesquisa foi de ajudar aos alunos a construir sua cidadania, incentivar o aprimoramento do lado artístico, e a observarem de forma mais crítica a mídia que chega a suas casas todos os dias. Para tanto, as metodologias usadas são a Pesquisa Bibliográfica, teorias de Mídia e Educação, Comunicação Comunitária e Cidadania. Foi utilizada a pesquisa de Observação Participante na qual trabalhamos assuntos que fazem com que as crianças reflitam sobre a própria realidade, da comunidade e escola que se encontram. E isso, feito através das oficinas de Identidade; Cidadania; Relação com a Comunidade; Leitura Crítica da Mídia; Música e Dança como Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; Educação; Comunicação Comunitária;

INTRODUÇÃO

Diante da violência e das dificuldades encontradas pelos menos favorecidos, que diariamente encaram esse problema de perto, a situação de vulnerabilidade que se encontram aumenta a cada dia que passa. Dezenas de crianças vivenciam essa realidade muito mais de perto do que nos mostram pela mídia.

Algumas crianças de 8 à 11 anos da Escola Municipal Paulo VI, de Campo Mourão, que optaram dedicar-se a arte formando um grupo dança, foi apoiado pela escola e por nós,

¹ Trabalho apresentado na IJ - 6 Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá, email: tayenne_carvalho@yahoo.com.br

³ Acadêmica do 5º semestre do curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá, email: marcelaatoledo@hotmail.com

⁴ Doutora em Comunicação pela ECA/USP, professora do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Maringá, email: adeli@sercomtel.com.br

⁵ Professor especialista do curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá, email: anderson.82@bol.com.br



que vemos nos meios de comunicação atrelados a uma análise da programação oferecida, uma forma de afastá-los da violência que os cerca. Os convidamos a fazer parte desse projeto, no intuito de ajudar a construir sua cidadania, incentivar o aprimoramento do lado artístico dessas crianças, e a desde pequenos observarem de forma mais crítica a mídia que chega a suas casas todos os dias.

O projeto foi realizado para a disciplina de Comunicação Comunitária II, no quarto semestre do curso de Jornalismo. Foram sete oficinas realizadas do dia 06 de outubro a 24 de novembro de 2010.

Na tentativa de promover discussões para solucionar problemas da educação nas camadas sociais inferiores, com indicadores sociais negativos de marginalização, desemprego e pobreza, que marca a criminalização da miséria no capitalismo⁶ foi na educação popular de Paulo Freire que encontramos um dispositivo poderoso para atrair o interesse de crianças que vivem em bairros⁷ da periferia de Campo Mourão, Paraná, a fim de desenvolver a criticidade e mostrá-las noções de cidadania. Segundo Cecília Peruzzo, que encontra na educação uma fonte para levar a cidadania e utiliza-a como uma poderosa arma para o processo de mudança social, “É no âmbito da educação informal que estaremos enfocando as questões das relações entre comunicação e educação no processo de conquista de cidadania”. (PERUZZO, 2001, p.04).

Juntamente com a mídia-educação⁸ que encontramos um meio de auxiliar as crianças a desenvolver o raciocínio crítico diante do que os meios de comunicação têm a oferecer, ainda mais por serem procedentes de famílias que nem sempre fazem a mediação entre a criança e o conteúdo midiático, e também, por elas estarem em intenso processo de formação cognitiva, psicológica e social.

As crianças, possuindo *habilidades parciais*, as desenvolvem com a ajuda de parceiros mais habilitados (mediadores) até que tais

⁶ Ver ZAFFARONI/BATISTA/ALAGIA/SLOKAR *apud* SANTOS, Juez Sirino dos. A criminologia crítica e a reforma da legislação penal. XIX Conferência Nacional dos Advogados (25-30 de setembro de 2005), Florianópolis, SC.

⁷ Os principais bairros nos quais os alunos moram são Jd. Paulino, Jd. Pio XII, Jd. Cândida, e Comunidade Maria Barleta, este último, oriundo do desfavelamento.

⁸ Como o trabalho desenvolvido tinha o intuito de montar um jornal, a mídia foi utilizada para abrir um pouco a consciência dessas crianças. Uma vez que segundo Paulo Freire, deve-se utilizar a mídia para educar, não apenas para entretenimento.



habilidades passem de *parciais* a *totais*. (VASCONCELLOS E
VALSINER *apud* RABELLO; PASSOS, [s/d], p. 06) ⁹.

As hipóteses desse trabalho são que, com a realização das oficinas, vamos desenvolver a criticidade das crianças envolvidas no projeto e também a ideia de que o futuro pode ser mudado. Mesmo fazendo parte dos ameaçados de exclusão¹⁰, essas crianças aprenderão que juntas elas tem forças, e que o futuro depende delas acima de qualquer empecilho que possa surgir. E ainda, que através da mídia é possível educar e preparar melhor crianças/adolescentes que conhecem de perto a realidade da periferia.

O objetivo é preocupação com a formação cidadã das crianças envolvidas no projeto, e fazer com que desenvolvam a criticidade, querendo elas mesmas, mudarem a própria realidade. E também, fazer com que estabeleçam uma relação de maior comprometimento e de pertencimento com a comunidade e escola à que pertencem; orientar as crianças do projeto a fazerem uma leitura mais crítica da mídia e ajudá-las a continuar em um caminho longe da criminalidade, mesmo estando próxima a ela; e elaborar junto às crianças um jornal impresso, com matérias escritas por elas.

Para isso, realizaremos oficinas junto às crianças, sobre identidade, relação com a comunidade, cidadania, leitura crítica, e arte. Nos últimos dias, elaboraremos junto a eles um jornal impresso, no qual serão publicadas as matérias que eles mesmos irão escrever.

Mídia-Educação e Comunicação Comunitária

A Comunicação Comunitária visa encontrar dentro da própria comunidade formas de solucionar problemas reais e muito próximos aos moradores de determinado bairro. Além de trazer benefícios específicos para a comunidade, pode mostrar também, a voz das camadas sociais mais baixas e sufocadas pelos detentores da grande mídia.

⁹ Referência ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky. Para ele, “Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. São as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que a criança se desenvolva ainda mais, ou seja, desenvolvimento com aprendizagem na ZDP leva a mais desenvolvimento”. *In* RABELLO; PASSOS, [s/d], p. 06.

¹⁰ Termo utilizado por Robert Castel (1995, p.12). “Os ‘ameaçados de exclusão’ são categorias da população que sofrem de um déficit de integração com relação ao trabalho, à moradia, à educação, à cultura, etc.”



O intuito da comunicação comunitária é dar voz ao cidadão, mostrando que é possível mesmo em meio a problemas cotidianos sociais, familiares, de violência e de educação insatisfatória, apresentar-se para o meio que vive e até mesmo para classes mais altas como pessoa digna e consciente de seu papel na sociedade. Segundo Peruzzo “no contexto de tais movimentos se desenvolvem experiências de uma comunicação que pode ser denominada de popular ou comunitária, a qual evidencia características próprias, entre elas, o exercício da participação direta.” (PERUZZO, 2002, p.10)

Nesse mesmo intuito de promover a mudança social, a mídia-educação trabalha para restaurar a cidadania perdida utilizando os meios de comunicação. A indústria cultural que aliena e mostra a falta de valores e o descaso mascarado da mídia com as classes inferiores mostrando o impacto que a mídia causa. A educação, deve se dar em todos os níveis.

E em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização, e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação e a modificação do modo de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criador e o acesso às mídias (UNESCO *apud* BELLONI, 2005, p.12)

A mesma mídia que explora e classifica a programação de acordo com as classes sociais, é a mesma que prega a cidadania como a igualdade entre raças, sexo e classe social, e que fala dos direitos e deveres de cada um. Dessa forma, serve como medida provisória para alimentar o entusiasmo da parcela ingênua da população. A cidadania, muito mais do que isso, deve ser vista em seu íntimo, no sentido que mais do que direitos e deveres, é o homem mostrar sua voz, e a que veio, a fim de trazer melhorias a sua comunidade . De acordo com Peruzzo,

Outros elementos da cidadania são: os direitos políticos (participação no exercício do poder político, liberdade de associação e de reunião, participação nos órgãos de representação etc), conquistados no século XIX, e os direitos sociais: participação - com igualdade – no nível de vida e patrimônio social (PERUZZO, 2006, p.08).



A Escola Paulo VI

A Escola Municipal Paulo VI, situada à Rua das Lontras, nº 922, Jardim Pio XII, Campo Mourão, era inicialmente chamada Escola Cândido Portinari. Em 1º de julho de 1978 passou a se chamar Escola Paulo VI

Atualmente a escola é composta por um diretor e diretor auxiliar, dois orientadores, vinte e oito professores (matutino, vespertino e noturno – EJA) e uma equipe administrativa que serve de suporte ao funcionamento de todos os setores do Estabelecimento de Ensino.

Os alunos participantes do projeto têm de 8 a 13 anos. São na maioria, provenientes de famílias de baixa renda, desestruturadas, algumas até com graves problemas sociais, como o alcoolismo e o envolvimento com o crime e as drogas. As famílias geralmente são numerosas. Mudam-se com frequência. Os principais bairros nos quais os alunos moram são Jd. Paulino, Jd. Pio XII, Jd. Cândida, e Comunidade Maria Barleta, este último, oriundo do desfavelamento.

Vários desses alunos participam do Centro de Integração¹¹. Alguns possuem dificuldades de aprendizagem, indisciplina e agressividade.

As Oficinas

Decidiu-se fazer as oficinas na escola, pois várias crianças não podiam ir aos sábados, mesmo o responsável tendo assinado a autorização, que permitia às crianças comparecerem no local escolhido para realização das atividades. Porém neste ambiente o tempo é mais curto. Temos apenas 45 minutos para realizar as oficinas (9:45hrs às 10:30hrs).

Além disso, algumas professoras não permitem que alunos saiam da sala, por variados motivos, o que acarretou à variação e diminuição no número de crianças no projeto.

¹¹ O Centro de Integração é a Jornada Ampliada do PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, com a proposta de contra turno escolar. Executa serviços de Proteção Social Básica de forma integral às crianças, adolescentes e suas famílias de acordo com as diretrizes da Política Nacional da Assistência Social.



E por fim, na escola dependemos da disposição de funcionários para a liberação da sala e dos materiais a serem utilizados. Portanto, levando em consideração todos os fatores supracitados, acaba sendo inevitável que as oficinas tenham que começar mais tarde, reduzindo ainda mais o tempo disponibilizado para a realização das atividades.

O projeto foi bem recebido pela escola. O diretor deu bastante apoio e a professora Sylvania Maria Costa Carvalho, responsável também pelo projeto de Dança de Rua, nos auxiliou na realização do trabalho junto com as crianças.

A maioria das oficinas foi realizada no colégio no período da manhã. As crianças são de idades, turmas e turnos diferentes, portanto algumas saíam da aula para poder participar. São aproximadamente dez crianças com idade entre oito e 11 anos, alunos da 2ª à 4ª série. Tanto pela questão do horário e das aulas, quanto pela distância e permissão dos responsáveis, o número de crianças em cada oficina variava de sete a doze.

Utilizamos para a realização do projeto, oficinas dinâmicas e sempre com debates sobre os assuntos trabalhados. Optamos por trabalhar com as crianças do grupo de Dança de Rua e somente com as que se dispuseram a participar, pois assim os resultados esperados, e principalmente a interação e o interesse das crianças seriam maiores e melhores.

Oficina de Identidade

A necessidade de se trabalhar questões sobre a identidade é de extrema importância, ainda mais quando falamos numa faixa etária em que as crianças se encontram em constante desenvolvimento.

As observações piagetianas sobre o comportamento infantil trazem implícita a hipótese de que, assim como existem estruturas específicas para cada função no organismo, da mesma forma existiriam estruturas específicas para o ato de conhecer, capazes de produzir o conhecimento necessário e universal tão perseguido pela filosofia. Piaget acredita, ainda, que essas estruturas não aparecem prontas no organismo, antes sim, possuem uma gênese que justificaria o contraste entre a lógica infantil a lógica adulta. (PALANGANA, 2001, p. 20)

Além disso, há a necessidade de reconhecer a si mesmo como um alguém que faz parte de um meio, e que tem características próprias. Refletir sobre si mesmas e descobrir os



próprios defeitos, e principalmente qualidades, são algo a que também se deve dar ênfase. A maioria convive com problemas familiares intensos e não têm convivência com pessoas que sirvam como referências positivamente fortes dentro de suas famílias, acabam tendo sua auto-estima abalada, e conseqüentemente perdem o contato com seu próprio “eu”.

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo. (SCRUTON *apud* HALL, p.48, 2005).

De acordo com este entendimento, nos voltaremos também à identidade da própria comunidade na qual as crianças se encontram. E principalmente o que há de errado que deve ser “salvo” e como isso pode ser feito no bairro e na escola, através da dinâmica do herói e vilão. A oficina de Identidade foi realizada na Escola Paulo VI. Primeiro falamos sobre o Projeto, dando uma base do que desenvolveríamos até a produção do jornal impresso.

Em seguida passamos à explicação de como o vídeo de cada um deles seria feito. Foi dito que perguntaríamos o nome, o apelido, o que gosta de fazer, o que gosta em si mesmo, e o que não gosta em si mesmo. O objetivo era o de conhecermos mais sobre eles e também, deles mesmos refletirem sobre si mesmos. Inclusive, alguns exemplos foram dados. As gravações começaram. Alguns pareceram não se sentir muito à vontade e outros, dificuldade em falar sobre si mesmo. As crianças gostaram bastante de serem filmadas, inclusive enquanto uma estava sendo gravada, várias ficavam atrás, para aparecerem novamente na gravação.

Depois, foi pedido que fizessem o desenho de um herói e de um vilão que atuariam no próprio bairro e na escola, como personagens para simbolizar o que há de errado onde vivem, e de que forma isso pode ser mudado. Solicitamos também que escrevessem os respectivos poderes, para que agora refletissem sobre o lugar em que vivem. Todos eles desenharam, porém, não houve tempo para uma conversa após os desenhos, já que as professoras já os estavam aguardando nas salas de aula.



Oficina de Cidadania

Os valores, opiniões e atitudes, são hoje sedimentados por veículos de mídia que não necessariamente se importam com a educação, mas que acabam influenciando mais do que a própria escola e os ensinamentos da família. De acordo com Cecília Peruzzo, “educação significa educar para a sociedade. É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social.” (PERUZZO, 2002, p.5).

Sendo assim, entende-se que é necessário que haja a conquista da cidadania, que se passe de súditos para cidadãos. E para as crianças, esse entendimento é algo de extrema valia não só para o momento, mas que será levado para toda a vida.

Entender os direitos que se tem, mas também que há deveres a cumprir é um passo importante para o desenvolvimento social das pessoas. E se tratando de crianças, acreditamos que a forma lúdica, através da criação da própria lista de direitos e deveres do grupo e do jogo de “tabuleiro humano”, é a melhor maneira para que haja a reflexão e compreensão sobre o assunto.

A oficina foi realizada na residência de uma das pesquisadoras. Sentimos a necessidade de deixá-los mais à vontade. Então, ao nos reunirmos, sentamos todos no chão e para que eles ficassem mais tranquilos para falar, cada um poderia contar uma piada ou uma história.

Após este momento, fomos ao assunto da oficina que era Cidadania. Perguntamos se eles sabiam o que significava a palavra. Todos eles de início, imaginaram ser algo ligado à cidade, propriamente dita. Fomos perguntando um por um, até que resolvemos falar das eleições. A partir daí, falando de direitos e deveres, eles começaram a entender o significado. Então perguntamos quem era cidadão, se eles eram cidadãos e por que.

Falamos dos direitos e deveres, e eles mesmos foram citando os que lembravam. A partir daí, fizemos uma lista com aquilo que as crianças iam dizendo. Como “direitos”, as crianças citaram: à escola; Brincar; Saúde; Ter onde morar; Cuidar de nossas coisas; Respeito à criança; Lazer; Direito de ter pai e mãe; Alimentação. E como “deveres”: Ajudar em casa; Fazer os deveres; Não poluir a cidade; Cuidar da escola; Cuidar dos



materiais; Cuidar dos pais; Obedecer aos mais velhos; Cuidar da natureza; Não bagunçar. Com essa lista em mãos, os separamos em dois grupos. Um de cada vez deveria falar um direito. Na outra rodada, um dever. E assim por diante.

Acreditamos que eles conseguiram entender tanto os significados, quanto como este assunto faz parte do dia-a-dia, podendo dizer então, que nosso objetivo do dia foi alcançado. No final reforçamos que eles deveriam se lembrar do que conversamos, tanto para as matérias do jornal, quanto para a própria vida.

Oficina de Relação com a Comunidade

A comunidade é mais do que uma agregação social. “Falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos”, como afirma Cecília Peruzzo. É preciso que haja um comprometimento e, ao mesmo tempo, um sentimento de pertença. Essas duas necessidades se inter-relacionam e fazem de um grupo uma comunidade.

Tendo isso em vista, entendemos que a maior importância dessa oficina, seja a de fazer as crianças se aproximarem mais da comunidade em que vivem e da escola na qual estudam, entendendo seus problemas e buscando maneiras de poder contribuir para uma mudança positiva e significativa nestes lugares. Além disso, tendo em vista os problemas ambientais aos quais toda a sociedade está presenciando, acreditamos ser de grande valor uma ligação desses assuntos e a conscientização sobre formas para ajudar nesta luta, que hoje é universal.

Esta oficina que deveria ter acontecido no dia 16, teve de ser transferida, devido à chuva. Ela foi realizada na escola. Com o intuito de fazê-los pensar no bairro como o lugar em que vivem, de fato, e que também pertence a eles a necessidade de cuidá-lo, levamos o vídeo “Ilha das Flores” para assistirem. A liberação e preparação da TV e DVD foi demorada. Além disso, as crianças estavam bastante eufóricas neste dia.

O vídeo Ilha das Flores começou a ser passado, e, após cerca de cinco minutos, houve a necessidade de recomencá-lo, pois as crianças estavam se levantando e algumas conversando. Desta vez elas prestaram bastante atenção. No final, quis saber das



impressões delas, e também sobre como era em suas casas a forma de descartar o lixo. O que faziam com ele e para onde achavam que era levado.

Além disso, perguntamos também sobre onde jogavam papéis de bala, ou outras coisas do gênero, quando estavam andando na rua. Alguns disseram que guardavam no bolso para jogar quando encontrassem uma lixeira. Outros afirmaram que acabavam jogando no chão. Porém todos confirmaram que esta não é uma atitude correta.

Por fim, perguntamos sobre as atitudes deles na escola. A maioria disse jogar o lixo, no lugar devido. E não gostavam quando a sala ficava suja, e nem de ver a escola assim. Eles se comprometeram a falar com os colegas, e também a se policiarem para sempre cuidar bem do meio ambiente.

Como não havia mais tempo, a oficina teve de ser finalizada neste momento. Em continuação à oficina trabalhada na semana anterior, neste dia conversamos tanto sobre o que foi aprendido em relação à cidadania, quanto ao meio ambiente. Em seguida as crianças foram falando o que deveria fazer parte dos “Mandamentos da Escola”. Com o que foi decidido, elas mesmas elaboraram um cartaz para ser colado na escola. Os “mandamentos” foram: Não fazer bagunça; Não brigar; Não falar palavrões; Obedecer todas as regras; Respeitar os funcionários; Não sujar a escola; Respeitar o próximo; Ajudar os colegas.

Eles ficaram bem empolgados com a dinâmica, e todos queriam ajudar. Deram idéias de colocar cores diferentes e fazerem desenhos representando a escola. O objetivo de colocá-los juntos para trabalhar em grupo foi muito bem alcançado, e sem a necessidade de forçá-los a isso. E também o de os fazerem perceber que devem cuidar da escola, que é onde passam boa parte do dia.

Oficina de Leitura Crítica da Mídia

O conteúdo midiático, em grande parte, é pautado de acordo com os valores da sociedade capitalista em que vivemos, sendo os interesses do poder econômico e político as peças primordiais deste cenário. A preocupação com conteúdos educativos não é prioritária mesmo tendo a mídia, principalmente a televisão, um caráter formador, mais até que a própria escola.



Não há um conteúdo preocupado com a formação das crianças na TV aberta. Muitos dos desenhos são violentos, com pouquíssimo ou nenhum conteúdo educativo. Dessa forma, fazer a desconstrução e análise dos programas junto às crianças é de grande importância para que passem a ter uma atitude mais crítica diante do que assistem. Não que deixem de ver, mas que saibam perceber o que de fato está sendo mostrado.

Nessa oficina, o objetivo foi trabalhar a leitura crítica da mídia para que as crianças passassem a pensar sobre o que assistem e quais as mensagens que aquele programa ou desenho traz, fazendo inclusive uma contextualização com a realidade em que vivem.

Para tanto, mostramos parte do episódio “Todo mundo odeia tirar fotos” da série “Todo mundo odeia o Chris”. Todas as crianças já conheciam o programa e algumas assistem diariamente. Deixamos para que elas falassem sobre as impressões que tinham da história. Os pontos mais comentados foram do racismo que o personagem principal sofria na escola tanto com os colegas de classe quanto pela professora. Discutimos as diferenças de abordagem e eles mesmos passaram a falar das diversas formas de demonstração de preconceito.

Na discussão, as crianças citaram também momentos que presenciavam na escola, na família e nos ambientes que frequentam. Falaram também da violência a que pode levar situações como essas. Pelos comentários e atitudes das crianças, percebemos que a oficina foi produtiva. Todos eles quiseram falar e se interessaram sobre o assunto. Muitos admitiram inclusive que devem se policiar mais para não cometerem este tipo de atitudes, pois eles mesmos disseram não achar correto.

Oficina: Discutindo Arte

Na grande maioria das vezes as pessoas não têm o contato com a arte, e se têm não o sabem. A ideia de arte acaba parecendo ser algo que está muito distante, que as pessoas mais pobres e humildes não poderão ter contato. E é este pensamento que devemos mudar.

A própria comunidade tem sua arte, seja com o grafite, com as danças, com a música, entre outros. É preciso mostrar que a arte não é aquela que custa milhões, e tampouco as



músicas feitas aos moldes da indústria cultural. Assim, o intuito seria trabalhar e conversar sobre a música e a dança como arte, já que as crianças participantes do projeto fazem parte de um grupo de dança de rua. Dessa forma, explorar este lado fará com que elas se sintam ainda mais valorizadas, pois saberão que elas mesmas podem e estão fazendo arte de fato.

Nesta oficina, conversamos um pouco sobre o que eles acreditavam que seria arte. As primeiras falas foram de que eram quadros, pinturas, orquestras. Mas logo uma das crianças passou a falar da música e da dança que também se enquadram como arte. Inclusive com a noção de que eles mesmos, no Projeto de Dança e¹² estavam fazendo arte.

Conversamos também sobre o grafite e perguntamos se conheciam alguém que fazia. Alguns disseram que conhecem, e inclusive ressaltaram a ideia de que nem toda pichação é grafite. Algumas coisas são erradas, são apenas para “sujar” os muros. E o grafite é quando há algum sentido e inspiração no que foi feito. Uma das crianças também disse que um membro de sua família faz parte de um grupo de rap do bairro. Disse que as letras falam dos problemas que encontram e também de como gostariam que o mundo fosse.

Eles estavam bastante inquietos, inclusive por estarmos na quadra, e não na sala, já que esta estava sendo ocupada por uma professora da escola. Mesmo assim, as discussões foram de grande valia e eles demonstraram que entenderam bem o assunto.

Oficina: Jornal: Divisão de Temas

Depois de já terem sido discutidos assuntos relacionados à cidadania, comunidade e mídia, é importante agora que se trabalhe com um veículo específico para que as crianças se sintam mais perto da mídia. Para que o jornal deixe de ser encarado como algo distante, inalcançável.

De acordo com o que foi observado e discutido, percebemos que o jornal impresso é o melhor e mais interessante meio para que as crianças possam trabalhar. De acordo com

¹² Projeto de Dança de Rua do Colégio Paulo VI idealizado pela pedagoga professora Silvania Maria Costa Carvalho, cujo objetivo é, além de realizar a dança, transmitir e manter a ideia de união e respeito, e também, aprender culturalmente sobre a dança e fazer a discussão das letras das músicas.



a faixa etária, acreditamos que algo que pode ser tocado, visto de perto, manuseado, é a melhor maneira para que se sintam à vontade com o assunto e percebam que estão “construindo a comunicação” com as próprias mãos.

Para tanto, para que haja essa aproximação maior, é interessante que se conte sobre a história do jornal, sobre sua “vida”, como se fosse um novo amigo que estão conhecendo. E ainda falar de suas características e de como ele é formado, “alimentado” pelas informações e notícias.

Nesta parte da oficina, entregamos às crianças alguns exemplares de jornais impressos variados para que folheassem e analisassem a disposição dos textos e imagens, e também sobre o que estava escrito neles. Conversamos um pouco sobre de onde vêm as matérias, como elas são escritas, as entrevistas, e também sobre a diagramação.

Pedimos que escolhessem o assunto que escreveriam para a montagem do jornal impresso. Sem estabelecermos algum, eles mesmos citaram sobre o que fariam. Os assuntos foram: meio ambiente, artes, política, esporte, carros/trânsito, escola Paulo VI, dinheiro, violência e animais.

Oficina: Jornal: Revisão dos Textos

Depois de uma semana de criação, é preciso agora fazer a análise e correção dos textos feitos pelas crianças. A criação do próprio jornal vai aproximá-las da mídia e conseqüentemente dos assuntos trabalhados nas outras oficinas que são de grande importância. É a união prática da mídia com a educação de uma forma valorosa e que ainda terá um produto final. As crianças verão seus textos e nomes nos impressos. É uma criação feita do trabalho em conjunto, com assuntos de interesse não só deles, mas de outras pessoas da comunidade.

Acreditamos que esta é uma forma produtiva e interessante para finalizar o projeto, pois a partir de então, as crianças já terão percebido o quão cada uma é importante para o grupo e para a comunidade. Com os conhecimentos adquiridos sobre o comprometimento, a cidadania e a percepção de que podem se expressar mais através tanto da arte quanto da mídia, elas já estarão mais bem preparadas para a produção do



próprio jornal, que é o ponto de partida para explorarem e vivenciarem plenamente seus novos aprendizados.

Neste dia eles trouxeram os textos que escreveram. Foram feitos de forma simples e na linguagem deles. Apenas duas crianças não levaram e ficaram de entregar na semana seguinte. Lemos os textos e fizemos algumas correções. Parte das crianças fará desenhos para ilustrar, e entregarão na próxima na semana.

Escolhemos então o nome do jornal. Todas as sugestões vieram deles, e por decisão unânime ficou: “Jornal Escola em Dia”. Todos estão bem ansiosos, principalmente pelo fato de terem escrito algo que várias pessoas vão ler. Muitos tiveram a preocupação em fazer um texto bem elaborado, e rico em detalhes.

Fizemos constantemente a avaliação das oficinas junto aos alunos e professores, para sabermos se o método estava adequado e se estava realmente sendo interessante para as crianças e para a escola. Tendo respostas sempre positivas, inclusive comentários dos professores de que as crianças conversavam com as outras sobre o que estava sendo trabalhado nas oficinas. Os debates não terminavam ao fim dos encontros, mas se estendiam durante os outros dias e para outras pessoas.

Acreditamos que, por estas observações, todos eles já possuíam uma boa visão sobre o ambiente em que vivem, e precisavam apenas de oportunidade para se expressar. Percebemos que, pela forma com que as crianças participaram das oficinas, principalmente nos debates, elas têm uma noção de tudo que presenciam, inclusive de encontrar no que assistem muito mais do que a superficialidade das imagens.

Considerações Finais

Acreditamos que, com este trabalho e as oficinas realizadas junto às crianças da Escola Paulo VI, de Campo Mourão, conseguimos transmitir as mensagens de cidadania, comunidade e criticidade. Percebemos que elas, mesmo ainda pequenas e em fase de transformação e aprendizagem, conhecem muito do mundo em que vivem e conseguem perceber muitos detalhes de grande significância para a formação de cada uma, inclusive na própria mídia. Foi durante as oficinas que os objetivos que nortearam esse trabalho foram alcançados, uma vez que as crianças envolvidas no projeto



compreenderam o conteúdo transmitido e foram capazes de escrever para um jornal construído por elas usando temas que foram vistos no decorrer das oficinas.

Um dos grandes desafios foi fazer com que as crianças trabalhassem juntas, realmente como uma equipe, um grupo. E mesmo sem forçá-las, elas acabaram se unindo logo nas primeiras oficinas para realizarem as atividades propostas. Debatiam entre si, trocavam ideias e trabalhavam juntas de forma muito proveitosa.

Mesmo sendo crianças bem ativas e algumas com problemas de indisciplina, o projeto foi válido e elas realmente se interessaram. Foram em busca de informações, e a cada dia, tinham coisas novas a dizer, e exemplos para apresentar. Quanto à produção do jornal, todas ficaram bem entusiasmadas, sentindo que suas palavras seriam valorizadas e que poderiam se expressar, portanto, o grau de comprometimento foi bem alto e de grande importância para que as oficinas fizessem sentido, e nesse momento foi possível cumprir com a hipótese de que mesmo moradoras da periferia, pode mudar seu destino e serem ouvidas.

Sabemos que, mesmo sendo um trabalho que deve ser continuado para que, de fato, esses novos pensamentos e mudanças se solidifiquem na vida dessas crianças, nosso principal objetivo foi alcançado, que era fazer com que as crianças envolvidas no projeto conseguissem construir sua cidadania, e que desenvolvessem a criticidade, querendo elas mesmas, mudarem a própria realidade. Esta vontade está plantada nelas. O necessário agora é fazer com que ela cresça cada vez mais, e que traga muitos benefícios para elas e para quem estiver à sua volta.

O primeiro passo já foi dado. Mostrar a essas crianças o que é cidadania, foi de grande relevância, pois a partir de agora o desafio maior será manter o que lhes foi ensinado, mas o trabalho ainda está longe de terminar. Para que haja maior construção do conteúdo, tudo que foi ensinado não deve ficar restrito apenas as crianças, mas também ser levado adiante para pais e professores, pois como foi citado no decorrer deste artigo, são partes fundamentais no desenvolvimento da criança em meio à sociedade.

Referências Bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2005.



CALDAS, Graça. **Mídia, Escola e Leitura Crítica do Mundo**. In: Educ. Soc. Vol.27. n.94. Campinas, jan./abr. 2006. p. 117-130.

CASTEL, Robert. **As armadilhas da exclusão**. In Lien Social et Politiques. RIAC, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. In: Educação e Pesquisa. vol.28. n.1. São Paulo, jan./jun. 2002. p. 151-162.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12.ed. Paz e Terra, 2001.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **A Educação não-formal e a relação escola-comunidade**. In: Eccos revista científica. Vol.6. Número 2. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, dez. 2004. p.39-65.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP& Editora, 2005.

MORAES, Elza Paulina de; SIMIONATO, Edina. **Principais avenidas, ruas e logradouros públicos – 1947-2007: Biografias dos Homenageados**. Campo Mourão: Fundacam, 2007.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**. A relevância do social. 5.ed. São Paulo: Summus, 2001.

PERUZZO, Cicília Maria Kroling. **Comunidades em tempo de redes**. In: PERUZZO, Cicília K. COGO, Denise. KAPLÚN, Gabriel. **Comunicação e movimentos populares: Quais Redes? Comunicación e Movimientos Populares? Cuáles redes?** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p.257-298.

_____. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Revista PCLA. Vol. 4. N.1, out./nov./dez. 2002.

_____. **Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXV, n.2, jul./dez 2002.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> Acesso no dia 05 de dezembro de 2010.

SANTOS, Juarez Sirino dos. **A criminologia crítica e a reforma da legislação penal**. XIX Conferência Nacional dos Advogados (25-30 de setembro de 2005), Florianópolis, SC.